

Identidade e diáspora: reflexões sobre o processo de deslocamento e redefinição identitária vivido por estudantes africanos que migram para o Brasil

Resultado de investigação em curso.

GT 28 – Interculturalidad: pueblos originários, afro y asiáticos em América Latina e El Caribe.

Rilda Bezerra de Freitas Aguirre¹ / rildabezerra@hotmail.com

Resumo

As intenções analíticas desse estudo circunscrevem a exigência de tecer teórica e criticamente a relação existente entre identidade e diáspora. Trata-se de um esforço reflexivo, na tentativa de identificar rupturas, desconstruções e reconstruções da categoria identidade no âmbito das ciências sociais e humanas, relacionando-a com os processos de diáspora vivenciados por estudantes de origem africana que migram para o Brasil. Para isso, tomou-se como quadro de referência teórico-metodológica o “Campo dos Estudos Culturais”, caracterizado por Stuart Hall (2003) como campo de estudo inacabado e em permanente redefinição conceitual. Nessa discussão, o debate em torno das identidades contemporâneas é percebido sob um duplo aspecto: de um lado, assume-se a questão das identidades como pauta das agendas políticas do tempo presente; de outro, critica-se a existência de uma identidade fixa, originária e essencialista, partindo-se da ideia de que outra construção categorial começa a se delinear. O desafio é, pois, levantar pontos para consubstanciar essa análise, em busca de acirrar e aprofundar o debate sobre os deslocamentos, fluxos migratórios e processos de diáspora vivenciados no tempo presente por jovens africanos.

Palavras - chave: Identidades. Processos de diáspora. Estudantes africanos.

Abstract

The intentions here configured analytical circumscribe the requirement to delineate the contours theoretical and critically category identity. It is, therefore, a critical effort - reflective to understand this concept in order to identify breaks, deconstructions and reconstructions of identity category within the social sciences and humanities. For this, we took as reference framework the theoretical and methodological "Field of Cultural Studies", characterized by Stuart Hall (2003) as a field of study in unfinished and ongoing conceptual redefinition. In this discussion, the debate on contemporary identities is perceived in two respects, namely: on the one hand, takes up the question of how identities point agenda on the political agendas of the present time; another criticizes the existence a fixed identity, originating and essentialist, starting from the idea that another categorial construction begins to take shape. The challenge is therefore to raise points to substantiate this analysis, seeking to deepen and intensify the debate shifts, and migration processes "diasporic" experienced in the present tense by young Africans.

¹ Assistente social graduada pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, mestre e doutora em sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Pesquisadora bolsista do Plano Nacional de Pós-Doutorado – PNPd/CAPES, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade de Fortaleza- UNIFOR.

Key - words: Identities. Processes diaspora. Young African students.

1. INTRODUÇÃO

1.1 O objeto de estudo em suas exigências e sutilezas: A relação existente entre identidade e diáspora no contexto contemporâneo

O esforço analítico desse artigo resulta das demandas do próprio objeto investigativo, que exigiu pesquisas e leituras sistemáticas sobre a questão das identidades contemporâneas. Tais leituras foram fundamentais para o entendimento do chamado processo de “fragmentação identitária” e “descentramento do sujeito”, denominado por alguns autores de *crise identitária*². Em verdade, essa compreensão hoje é entendida como um contexto mais amplo de mudança social, que parece deslocar estruturas e processos centrais das sociedades modernas, balançando, assim, os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Diante da multiplicidade de enfoques que permeiam o conceito de identidade, resolvi adotar o “Campo dos Estudos Culturais” como referência teórica. De fato, optei por utilizar aportes que retomam a questão da identidade como base conceitual de investigação, na tentativa de entender o processo de deslocamento vivenciado por jovens africanos que migram para o Brasil em busca de realizar a formação universitária, tendo ao fundo a tendência de transnacionalização e globalização em curso na sociedade. A rigor, simplifiquei o sentido de transnacionalização/globalização, entendendo-a como um processo de interligação ou interdependência entre os povos e países da terra.

Segundo BHABHA (2007), hoje somos obrigados a “viver nas fronteiras do presente”. Assim, o indivíduo, a identidade, a história e a cultura não se situam apenas no nível do grupo, da classe, da nação e, “apesar de não perdermos a fisionomia original, ultrapassamos fronteiras e situamo-nos para além”. Além de nossa terra natal, além dos nossos valores. A todo o momento se aprende novos valores através da TV e dos meios de comunicação. O que predomina hoje é uma sociedade mundializada, global, na qual todas as marcas, particularidades, segmentos e singularidades possuem traços e determinações conferidos pelo movimento geral de uma sociedade capitalista mundial e integrada.

Sobre a tendência de transnacionalização e globalização em curso na sociedade, tomei de empréstimo a descrição de Boaventura de Sousa Santos (2001) sobre o tempo presente. Nessa compreensão, a contemporaneidade constitui um cenário de processos, transições e mudanças radicais, as quais apontam para um novo padrão civilizacional. Nessa perspectiva, é possível afirmar que vivenciamos, hoje, uma fase de transição societal e paradigmática, que desencadeia múltiplos enfoques acerca da discussão contemporânea de identidade. Daí, o entendimento de que a concepção de identidade, com origem na teoria antropológica tradicional, hoje, no contexto das ciências sociais e humanas, também passa por múltiplas discussões e rigorosas críticas.

Para muitos autores, o contexto atual é definido como um período contraditório e de “trânsito” societal. O que torna, talvez, pertinente a crítica sobre a concepção de uma identidade fixa, originária e essencialista, consubstanciada pela luta por direitos humanos e de cidadania como afirmação de uma “essência” negra, feminina, indígena etc. Cabe aqui indagar: existiria uma essência negra, indígena e feminina, de fato? Segundo Stuart Hall, essa é uma questão a ser entendida sob um duplo ângulo: de um lado, critica-se a concepção de identidade fixa e essencialista, partindo da ideia de que outra inflexão temática começa a se delinear no tempo presente; de outro, ocorre uma efervescência de debates em torno da questão das identidades, assumindo-as como assunto em pauta nas agendas

² Vale destacar que o esforço investigativo desse estudo não é avaliar se existe uma “crise de identidade”, ou em que consiste essa crise e que direção ela está tomando, mas, sim, entender os delineamentos acerca do conceito contemporâneo de identidade para pensar os processos diaspóricos de jovens africanos e seus deslocamentos para o Brasil.

políticas e sociais da contemporaneidade. Para o autor, vivenciamos uma “uma explosão discursiva” (2000, p. 103), em torno desse conceito.

Partindo desse duplo ângulo, Nestor Canclini (2001, p. 165), questiona: “onde reside a identidade? Com que meios ela é produzida e renovada hoje?”. Ou na formulação de Cuche (1999, p. 107): “importa saber o que significa essa “moda” das identidades [...], sobretudo, o que se entende por identidade?” Ou ainda, no dizer de Santos (2006, p. 249): “as identidades contemporâneas são o produto de jogos de espelhos [...]. São sempre relacionais, mas raramente recíprocas”³.

Nessa “explosão discursiva” sobre identidade, sustento a ideia de que esta categoria de análise assume uma posição central na teoria e na prática contemporânea, legitimando-se por meio de uma forte conotação política no enfrentamento das desigualdades e no reconhecimento das diferenças. Tal visão elabora a crítica que norteia a ruptura com a concepção tradicional de identidade, atentando para o fato de que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 1999, p. 07). Portanto, investigar redefinições identitárias de estudantes de origem africana no Brasil, significa trabalhar com trajetórias e percursos sempre inconclusos, cujos delineamentos apresentam sinais de um movimento contínuo de vaivém, o qual se assenta na ideia de devir social, de “tornar-se” e de “metamorfose”⁴.

Nesse debate, se entrecruzam diferentes vertentes teóricas e múltiplas representações construídas por sujeitos que experimentam os chamados processos “diaspóricos” e as redefinições identitárias. Daí, a ideia de refletir sobre a saga de estudantes africanos que migram para o Brasil em busca de formação profissional, tomando a discussão contemporânea sobre identidade como ponto fundante da análise, a qual traz como arcabouço teórico-metodológico o *Campo dos Estudos Culturais* e, de certa forma, a *Teoria Pós-colonial*, como campos em permanente criação, ruptura e reconstrução identitária.

No esforço de relacionar “identidade/diáspora”, cabe aqui indagar: qual vínculo existiria entre identidade e diáspora no contexto contemporâneo, afinal? Em resposta a essa questão, Stuart Hall (2003), em seu livro sobre a *Diáspora*, afirma que, em pleno século XXI, a narrativa da *diáspora*, como discurso de libertação, de crença na redenção ou fuga da vida de opressão está mais viva do que nunca, e pode ser resgatada para os dias de hoje. Desse modo, o autor retoma o debate sobre os modelos coloniais, em que Nações-Estados constituídas buscavam a formação de verdadeiros impérios pela

³ Segundo Boaventura de Sousa Santos, a identidade é originariamente um modo de dominação que se assenta numa forma de produção de poder que o autor designou por “diferenciação desigual” (SANTOS, 1995, p. 42 -428; SANTOS, 2000, p. 284-290). Para o autor, As identidades subalternas são sempre derivadas e correspondem a situações em que o poder de declarar a diferença se combina com o poder para resistir ao poder que a declara inferior. Portanto, em jogos de identidade, um determinado sujeito, povo ou cultura pode ocupar os dois lados do espelho, ou seja, constituindo-se, ao mesmo tempo, “próspero e subalterno”, dependendo da compreensão e do ponto de vista. Um exemplo disso é a colônia Portuguesa, que esteve, ao longo da história, dos dois lados do espelho: próspera, quando vista ao espelho de subalterna; e subalterna, quando vista ao espelho de próspera. Daí a complexidade embutida na metáfora dos jogos de identidade.

⁴ Cabe destacar aqui a importância das formulações de Antônio Ciampa (2002; 2008) para o campo das ciências humanas e, mais especificamente, para a psicologia social. De fato, o autor, lança um olhar diferenciado sobre a questão da identidade e seus processos. Antônio Ciampa questiona a ideia de uma identidade estática, com tendência à fixidez e às cristalizações. E, ao assumir uma perspectiva dialética de identidade, constrói o conceito de “identidade em metamorfose”. Nessa perspectiva, identidade “é construção, reconstrução e desconstrução constantes, no dia-a-dia do convívio social, na multiplicidade das experiências vividas” (KOLYNIK; CIAMPA, 1993, p. 9). Assim, a identidade é percebida como “busca de significado”, como “invenção humana”, como “autoprodução do homem”, como vida em movimento. Vide: CIAMPA, Antônio da Costa. *A história do Severino e da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2008; CIAMPA, Antônio da Costa. *Políticas de Identidade e Identidades Políticas*. In: Dunker, C. I. L. & O. (orgs.) “Uma psicologia que se interroga-Ensaio”. Edicon: São Paulo, 2002.

apropriação e ocupação de terras no Novo Mundo, ou mesmo em outros continentes (como o africano), circunscrevendo sua análise até as correntes migratórias atuais, em que jovens africanos, em especial, buscam novas e melhores condições de vida nos países considerados mais desenvolvidos ou nos chamados “países emergentes”, como é o caso do Brasil. Assim, Stuart Hall dá visibilidade aos processos “diaspóricos” e suas narrativas de deslocamento e construção das identidades culturais, sendo ele próprio considerado um dos “membros cosmopolitas das diásporas”, ao lado de Salman Rushdie e Homi Bhabha.

De fato, a própria trajetória de Stuart Hall é circunscrita por um processo “diaspórico”. O autor, apesar de ter nascido na Jamaica, não viveu o processo de gestação da consciência negra e do rastafarismo jamaicano. Daí, talvez, o seu estranhamento relacionado à experiência migratória. Segundo ele, nasceu na Jamaica e deslocou-se para a Inglaterra, mas sente-se um estrangeiro nos dois lugares: “conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço a nenhum para viver uma experiência diáspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, e perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (HALL, 2003, p. 415). Sua trajetória foi marcada pelo nascimento, infância e adolescência numa família de baixa classe-média da Jamaica. Contudo, toda a vida de adulto foi vivida na Inglaterra, conforme ele próprio relata: “vivi na sombra da diáspora negra – na barriga da fera, tendo ao fundo uma vida de trabalho em estudos culturais” (HALL, 1996, p. 68). Daí, talvez, a sua inserção nessa área de estudos, bem como, seu interesse em refletir sobre as questões que envolvem os processos de construção da identidade cultural, com ênfase na análise crítica sobre o ocidente, que segundo o autor, “normaliza a África e dela se apropria, congelando-a nalguma zona imemorial do passado primitivo imutável” (HALL, 1996, p. 68-69).

Em verdade, os processos de deslocamentos e de redefinições identitárias vividos por aqueles que mudam de lugar também representariam um forte sentimento de identidade ou identificação com a cultura de origem, mantida através de costumes, crenças, língua ou pelo sentimento de querer, um dia, retornar. É inegável que essa forma de sobrevivência alimente um estado de espera para quem vivencia ou vivenciou este processo. Nas palavras de HALL (2003, p. 415), essa espera só pode ser entendida a partir do “enigma de uma chegada sempre adiada”, mantida pela esperança em algo que ficou lá atrás. Desse modo, quando se trata de pensar as influências da diáspora na construção de identidades culturais, é preciso entender que, atualmente, as sociedades são compostas não só por um, mas por diversos povos. Os sujeitos que originalmente possuíam a terra, em geral, pereceram – dizimados pelo trabalho pesado, escravidão, peste e doenças de todos os tipos. E as trocas identitárias – longe de constituir uma relação de continuidade com o passado vivido e com os valores herdados originalmente, se construiu permeada por marcas de rupturas violentas e aterrorizantes.

1.2 Fluxos migratórios, redefinição identitária e a construção de novos tipos de sujeitos.

Com base na perspectiva de Stuart Hall sobre identidade cultural, busquei encontrar pistas que ajudem a refletir sobre os fluxos migratórios de jovens africanos, circunscrito nas redefinições identitárias vivenciadas por estudantes que experimentam processos de deslocamento em suas trajetórias. Sobre esses jovens, é importante assinalar que, a grande maioria é proveniente de classes populares, os quais vivenciam cotidianamente situações de privação, nomadismo, *estigma* e o desejo de empreender dias melhores, desejo este, que transparece nos relatos e narrativas⁵ dos estudantes africanos.

⁵ O presente artigo não possui a pretensão de apresentar e analisar os discursos, narrativas e relatos dos estudantes africanos. Mas, sobretudo, “jogar” reflexões que venham a descortinar a suposta relação entre identidade/ diáspora, fluxos migratórios e redefinições identitárias de jovens africanos que migram para o Brasil em busca de formação acadêmica. A pesquisa ainda está na fase exploratória, com algumas entrevistas realizadas durante incursões na FATENE – Faculdade Terra Nordeste (instituição de ensino superior privada) e UNILAB – Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (instituição

Entretanto, quando questionados sobre a ideia de permanecer no Brasil, após concluir a formação profissional, a grande maioria dos estudantes entrevistados afirmou preferir voltar à cidade de origem, salvo raras exceções. De fato, o País de origem é o vetor de retorno, lugar de lembranças e memórias, permeadas pelo desejo de um dia retornar. Daí o entendimento de que esses jovens carregam consigo o sonho da formatura, o desejo de contribuir com o desenvolvimento de seu país de origem e a busca pela emancipação social. Nesse sentido, o deslocamento mudaria a vida dos que migram para o Brasil e retornam à terra natal; dos que migram e acabam permanecendo no Brasil – por possibilidade profissional, vínculo empregatício ou casamento; e daqueles que não se deslocaram, nem jamais conheceram o Brasil – pais, irmãos, filhos, parentes em geral – mas, que vivenciam um contato direto com os jovens estudantes, construindo, desse modo, “novos tipos de sujeitos”.

O fato é que essa intersecção cultural e identitária propiciada no plano físico-geográfico pela diáspora, pelo dispersamento dos povos que saem de sua terra de origem e passam a viver noutra, não faz com que haja o abandono das origens. A origem se mantém, mas também se mistura na nova situação de vida apresentada, sendo também modelada pelo desejo de um dia retornar ao seu lugar de origem.

Nas pistas de Stuart Hall, (2003, p. 27-28), cheguei à ideia de que os sujeitos que vivenciam processos “diaspóricos” jamais poderão fazer a “viagem da volta” concretamente. O ato de voltar à terra natal ou à “cena primária” de suas viagens, agora se traduz num momento posterior de suas rotas. É preciso vivenciar a formação profissional, constituída por um período de quatro, cinco ou mais anos de suas vidas. Assim, os processos de redefinição identitária são mediados por um núcleo imutável e atemporal, que liga ao passado, ao futuro e ao presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical que o senso-comum chama de tradição, Stuart Hall e Homi Bhabha entendem respectivamente como: “zona de contato” e “fronteira”.

Nas palavras dos autores, a fronteira constitui um lugar de ligação, um espaço intermediário entre dois mundos, o qual que possibilita passagens, tensões e negociações entre duas culturas, ou seja:

“a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente, em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens” [...] “A ponte fronteira reune enquanto passagem que atravessa” (1998, p. 19).

Nesta perspectiva, o hibridismo resultante da fronteira ou da zona de contato, como expressa Pratt (1999, p. 27), não é livre de tensão. Ao contrário, ele se inscreve em relações de poder, sendo representado pela própria relação construída não apenas dualisticamente, mas, a partir do entrelaçamento de valores e costumes, onde o país de permanência para estudos e a terra natal se confundem, numa fusão entre a identidade e diferença, familiar e exótico, distante e perto. Assim, o hibridismo vai resultar dos processos de entrelaçamento de valores, culturas, ideias, posições políticas, religiões e combinações que estão sempre em processo de negação, assimilação e construção de “novos tipos de sujeitos”.

Sobre esses “novos tipos de sujeitos”, Stuart Hall sustenta que eles vêm passando por redefinições, ao destacar:

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...]. O próprio processo de identificação, através do qual nos

projectamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (2005, p.12).

É, portanto, neste momento de trânsito e de entrelaçamento de valores e ideias, de relações políticas e religiões, que surgem novos sujeitos. É quando a cultura se renova e se amplia, bem como a identidade cultural de pessoas e povos que experimentam fluxos migratórios e redefinições identitárias. Desse modo, os novos sujeitos, surgidos dos processos diaspóricos têm seus valores reformulados, remoldados à luz da “zona de contato”⁶.

Nesse entendimento, os jovens africanos que migram para estudar no Brasil, não poderão retornar à cena primária de suas vidas, uma vez que a experiência com a cultura brasileira estará guardada em suas lembranças. Como diz Bhabha (1998), são “vidas na fronteira”, cuja “ponte levadiça”, que liga os dois países de referência identitária, pode possibilitar ou não o acesso a novas redefinições de rotas e trajetos. Nesta perspectiva, a ideia de renegociar com rotas e percursos só se torna possível partindo da compreensão de que a própria diferença entre os sujeitos produz processos de identificação diversos: um exemplo disso é o jovem “M. Alfadju”⁷, que após concluir a graduação em Administração de Empresas, foi aprovado em curso de mestrado numa universidade pública – com grande concorrência no Brasil –, conquistando o terceiro lugar geral e sendo contemplado com uma bolsa de estudos por uma instituição de fomento à pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não intenciono, aqui, elaborar conclusões exaustivas sobre os fluxos migratórios e processos “diaspóricos” de jovens africanos que migram de seus países para estudar no Brasil. Em verdade, não percebo esta empreitada investigativa como um final da rota analítica ou uma conclusão investigativa. A rigor, meus processos de pesquisa sobre fluxos migratórios de estudantes africanos, ainda são incipientes. Trata-se de uma série de incursões, estudos exploratórios e entrevistas com alunos da Faculdade Terra Nordeste – FATENE (Instituição de Ensino Superior Privada) e da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB (instituição de ensino superior pública), ambas localizadas no Estado do Ceará.

Nos percursos por mim trilhados, a seguir pistas e vias apontadas nas trajetórias desses jovens, não foi possível demarcar “pontos de partida ou de chegada”. Os passageiros experimentam redefinições identitárias diversas. E, nestas andanças ziguezagueantes, eles vão assumindo suas “posições de sujeito”, que parecem ser temporárias, em processos de metamorfose, ou seja, um percurso sempre em aberto. No assumir de tais posições, incorporam personagens diferenciadas no jogo das negociações identitárias. São personagens em cenas que vão se metamorfoseando: é o estrangeiro, “os meninos e meninas da África”, o estudante de outro País, o diferente, enfim.

Ao tentar fechar esse artigo, tenho a consciência da incompletude da análise. É preciso ir além, aguçar o olhar, focar as lentes da investigação com maior esforço. Daí, uma certeza: a consciência do caráter “artesanal” da investigação, respaldada na ideia de que o esforço do pesquisador circunscreve um “trabalho de fôlego e não [...] uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, original” (BOURDIEU, 1994, p. 26). Nessa empreitada, devo percorrer uma trilha de declives, veredas ambíguas, em busca dos fios e rastros que levem à compreensão das redefinições identitárias vividas por estudantes africanos no Brasil. E, em meio aos labirintos e teias do objeto, vou ajustando o foco analítico, a partir do próprio movimento do objeto investigado e de suas sutilezas.

⁶ De acordo com Pratt (1999, p. 27), “[...] aquilo que chamamos ‘zonas de contacto’, espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos praticados em todo o mundo”.

⁷ Nome fictício, de origem muçulmana, pertencente a uma das etnias de origem Africana.

Apesar de tratar-se de uma pesquisa em processo, algumas dificuldades teórico-metodológicas já podem ser descritas nesse processo investigativo. Um dos desafios – dentre os vários que encontrei – foi exatamente trabalhar a identidade de jovens de origem africana que migram para o Brasil, ou seja, o desafio é perceber a identidade como “celebrações móveis” (HALL, 2000), em busca de desconstruir a visão essencialista, imutável e fixa de identidade. Entre os aportes teóricos que movimenteiei e que me abriram vias fecundas de compreensão, destaco os conceitos de “fronteira” “zona de contato” e de “identidade em movimento”, desenvolvidos por Homi Bhabha (2007) e Stuart Hall (1999; 2000).

No esforço de entender as trajetórias percorridas por estas meninas, precisei investigar não somente aquilo que esses personagens informam ser, sobretudo, em que foram se tornando, em detrimento do deslocamento e da experiência diaspórica. É o “tornar-se” como um enigma em trajetórias marcadas por inseguranças em cenários de juventudes mergulhadas no tempo presente. No caso dos jovens africanos, o “tornar-se” assume uma dimensão complexa e “perturbadora”, apresentando uma confluência de imagens e representações contraditórias sobre si. Em alguns casos, as histórias e redefinições são entrecortadas por negociações extremas com rotas e percursos, os quais definem um modo de ser e estar no mundo. De fato, são representações circunscritas nas fronteiras entre a negociação com as rotas da prostituição, da violência, do preconceito e de dificuldades de todas as formas, em meio ao desejo de “tornar-se” um bacharel, de concluir o curso superior e, assim, poder ajudar a família que ficou na terra natal.

Em termos de resultados investigativos, é possível afirmar que “identidade” e “diáspora” são conceitos tão imbricados que é impossível separá-los. Tal percepção vem claramente à tona quando se discute um tipo específico de fluxo migratório. Sair de casa, mudar de lugar, morar em outro país, fazer uma formação profissional superior. Nesse tipo de processo “diaspórico”, onde o contexto do País de destino – no caso, o Brasil – apresenta alguma identificação com a cultura da terra natal, ainda assim, os estudantes africanos vivenciam processos de deslocamentos, viagens, mudanças, novos aprendizados, novos contatos, novas negociações de amizade e sociabilidades, novas regras e valores.

Assim, pode-se refletir que a situação de deslocamento e mudança não pode ser entendida apenas como processo histórico linear, ou dentro de um processo cíclico, acabado. A diáspora, no sentido de migração/deslocamento, muda os que saem de sua terra natal, os que permanecem e os que recebem os jovens em processo de diáspora. Sobre esse conceito, vale recapitular sua origem epistemológica, qual seja: do grego *diasporein*, cuja palavra significa semear a dispersão das pessoas. As pessoas diaspóricas são aquelas que vivem longe de sua terra natal, real ou imaginária, mas a sua origem se mostra ainda enraizada pela língua falada, religião adotada, ou culturas produzidas.

Nesse “jogo das identidades”, é necessário adentrar os interstícios dos processos migratórios. Segundo Stuart Hall (2003), esses processos são capazes de produzir “novos tipos de sujeitos”, cujas identidades sofrem “metamorfoses”, as quais se cruzam ou se “deslocam” mutuamente. Desse modo, não existiria nenhuma identidade única, mestra e abrangente – por exemplo, de classe social ou de gênero – capaz de alinhar todas as diferentes identidades. Nesse contexto, o cenário político do mundo moderno estaria se redefinindo, embalado por deslocamentos e processos de identificação, advindos, especialmente, da erosão da chamada “identidade mestra da classe” e da emergência de múltiplas identidades, “pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos”. (MERCER, 1990 apud HALL, 1999, p. 21).

De fato, percebe-se hoje um novo padrão de relações internacionais. No Brasil, é evidente o número cada vez maior de estudantes de origem africana que migram em busca de formação profissional, graduação e pós-graduação, inseridos num contexto de transição/transnacionalização, que circunscrevem novas formas de entender e implementar políticas sociais e educacionais. Sobre isso, surgem novos questionamentos: afinal, o que essa onda migratória de jovens africanos quer dizer? Por

que a escolha pelo Brasil? Como interpretar a nova dinâmica social brasileira? Surgem, assim, novos debates a serem tecidos nesse recorte investigativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bhabha, H. (2007). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

Bhabha, H. (1998). O terceiro espaço (entrevista conduzida por Jonatham Ruterford). *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n°. 24, p. 35-41.

Bourdieu, P. (1994). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus.

Canclini, N. G. (2001). *Culturas híbridas*. Prefácio. Barcelona: Paidós.

Ciampa, A. da C. (2008). *A estória do Severino e da Severina*. São Paulo: Brasiliense.

_____. (2002). Políticas de Identidade e Identidades Políticas. In: Dunker, C. I. L. & O. (orgs.). *Uma psicologia que se interroga-Ensaio*. Edicon: São Paulo.

Cuche, D. (1999). *La noción de cultura em las ciências Sociales*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

Dewulf, J. (2005). **Por** vozes nunca dantes ouvidas: a viragem pós-colonial nas ciências humanas, estudos em Homenagem a Margarida Llosa. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Hall, S. (2003). Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, Brasília: UNESCO no Brasil.

_____. (1999). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª edição. Rio de Janeiro: DP & A Editora.

_____. (2000) Quem precisa da identidade. In: SILVA. Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

_____. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP & A.

_____. (1996). Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n°. 24, Cidadania.

Ianni, O. (1996). *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (1997). *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

_____. (1992). *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Mercer, K. (1999). Welcome to the Jungle. In: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª edição. Rio de Janeiro: DP & A Editora.

Pratt, M. L. (1999). *Os olhos do império*. Bauru: USC.

Santos, B. S. (2006). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, Coleção para um novo senso comum.

_____. (2000). *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez Editora.

_____. (2001). A reinvenção solidária e participativa do Estado. In: B. P. Luís Carlos, W. Jorge, S. Lourdes (Eds.). *Sociedade e Estado em transformação*. São Paulo: Editora UNESP.

_____. (1995). *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.

